

JOAN DIDION E O ESPÍRITO DE UM TEMPO

Por Edilene Pereira Possibom



Publicado originalmente em 1968, a coletânea de ensaios *Rastejando até Belém* (no original *Slouching Towards Bethlehem*), da escritora norte-americana Joan Didion, teve sua edição brasileira publicada em 2021, pela editora Todavia, com tradução de Maria Cecília Brandi.

Joan Didion é referência no jornalismo literário (*new journalism*), no qual são utilizados estilos literários para narrar os fatos da realidade, além de participar dos episódios narrados.

Os ensaios deste livro foram escritos entre os anos 1965, 1966 e 1967 e estão divididos em três partes: 1 – Estilos de vida na terra do ouro (a autora relata suas experiências na Califórnia, no auge da contracultura); 2 – Pessoas (lembranças da autora com relação ao cinema, processo de escrita e família); 3 –

Sete lugares da mente (com o olhar apurado, a autora narra as mudanças sociais que aconteciam em várias cidades americanas).

No ensaio que dá título à obra, escrito em 1967, Joan Didion está em San Francisco e participa da rotina de alguns *hippies*, que possuíam uma linguagem bem específica. A tradutora fez boas escolhas para nos colocar naquele ambiente particular, com grande consumo de drogas, e encontramos expressões como “chega a dar um barato”, “curtir uma onda”, “pura curtição”, “recuperando de uma *bad*”, “*bad trip*”, “passar meses grilado”, “me amarrar numa patroa”, “fundir a cuca”, “ficam doidões”, etc.

Nos trechos a seguir, a tradutora não deixou escapar nenhum detalhe relacionado a descrição da paisagem e ao clima, tão bem narrados pela autora:

This is a story about love and death in the golden land, and begins with the country. The San Bernardino Valley lies only an hour east of Los Angeles by the San Bernardino Freeway but is in certain ways an alien place: not the coastal California of the subtropical twilights and the soft westerlies off the Pacific but a harsher California, haunted by the Mojave just beyond the mountains, devastated by the hot dry Santa Ana wind that comes down through the passes at 100 miles an hour and whines through the eucalyptus windbreaks and works on the nerves. October is the bad month for the wind, the month when breathing is difficult and the hills blaze up spontaneously. There has been no rain since April. Every voice seems a scream. It is the season of suicide and divorce and prickly dread, wherever the wind blows. (Slouching Towards Bethlehem, 3)

Esta é uma história de amor e morte na terra do ouro, e começa no campo. O Vale de San Bernardino fica a apenas uma hora de Los Angeles, na direção leste, pela rodovia San Bernardino, mas em certos sentidos é um lugar atípico: não a Califórnia costeira dos crepúsculos subtropicais e dos suaves ventos do oeste vindos do Pacífico, mas uma Califórnia mais severa, assombrada pelo Mojave do outro lado das montanhas, devastada pelo calor e pela secura do vento de Santa Ana, que desce pelas encostas a 160 quilômetros por hora, ruge pelos quebra-ventos de eucalipto e dá nos nervos. Outubro é o pior mês de ventania, o mês em que é difícil respirar e as colinas ardem espontaneamente. Não chove desde abril. Toda voz parece um grito. É a estação do suicídio, do divórcio e do pavor arrepiante, onde quer que o vento sopra. (Rastejando até Belém, 12)

Like so much of this country, Banyan suggests something curious and unnatural. The lemon groves are sunken, down a three – or four-foot retaining wall, so that one looks directly into their dense foliage, too lush, unsettlingly glossy, the greenery of nightmare; the fallen eucalyptus bark is too dusty, a place for snakes to breed. The stones look not like natural stones but like the rubble of some unmentioned upheaval. There are smudge pots, and a closed cistern. To one side of Banyan there is the flat valley, and to the other the San Bernardino Mountains, a dark mass looming too high, too fast, nine, ten, eleven thousand feet, right there above the lemon groves. At midnight on Banyan Street there is no light at all, and no sound except the wind in the eucalyptus and a muffled barking of dogs. There may be a kennel somewhere, or the dogs may be coyotes. (Slouching Towards Bethlehem, 5)

Como boa parte dessa região, a Banyan Street causa uma impressão peculiar e antinatural. Os limoeiros estão afundados atrás de um muro de contenção de cerca de um metro, de modo que se vê diretamente a densa e exuberante folhagem, perturbadora de tão lustrosa, o verdor dos pesadelos; a casca caída do eucalipto é muito poeirenta, um bom lugar para as cobras se reproduzirem. As pedras não se parecem com pedras naturais, mas com escombros de algum levante de que não se fala. Há vasos manchados e uma cisterna fechada. De um lado da Banyan está uma parte plana do vale e, do outro, as montanhas de San Bernardino, uma massa escura que se ergue bem para o alto, rápido demais, um, dois, três mil metros, logo acima dos limoeiros. À meia-noite não há nenhuma luz e nenhum barulho na Banyan Street, exceto do vento batendo no eucalipto e do latido abafado dos cachorros. Pode ser que haja um canil em algum lugar, ou talvez os cães sejam coiotes. (Rastejando até Belém, 14)

Como mencionado, o livro foi lançado há mais de 50 anos e a tradutora se preocupou em adicionar importantes notas que enriquecem nossa leitura, como por exemplo:

[...] The boys take a break and one of them talks about playing the Los Angeles Cheetah, which is in the old Aragon Ballroom. “We were up there drinking beer where Lawrence Welk used to sit,” Jerry Garcia says. (Slouching Towards Bethlehem, 90)

[...] Os garotos fazem um intervalo e um deles fala em tocar no Cheetah de Los Angeles, onde antes ficava o Aragon Ballroom. “Estivemos lá bebendo cerveja, no mesmo lugar onde Lawrence Welk [4] costumava se sentar”, lembra Jerry Garcia. (Rastejando até Belém, 87)

[4] Músico e apresentador do *The Lawrence Welk Show*, programa de variedades que fez sucesso na tv americana entre 1951 e 1982.

Arthur Lisch is on the telephone in his kitchen, trying to sell VISTA a program for the District. "We already got an emergency", he says into the telephone, meanwhile trying to disentangle his daughter, age one and a half, from the cord. (Slouching Towards Bethlehem, 98)

Arthur Lisch está ao telefone na cozinha de sua casa, tentando vender ao VISTA [6] um programa social para o Distrito. "Já temos uma emergência", ele diz, enquanto tenta desembaraçar sua filha, de um ano e meio, do fio do telefone. (Rastejando até Belém, 94)

[6] Sigla de Volunteers in Service to America, programa criado em 1965 pelo presidente John F. Kennedy, que alocava voluntários pelos Estados Unidos para que atuassem em projetos comunitários voltados ao combate à pobreza. Uma das primeiras ações do programa foi destinada a trabalhadores rurais que imigraram para a Califórnia.

[...] Peter Berg wears a gold earring and is perhaps the only person in the District on whom a gold earring looks obscurely ominous. He belongs to the San Francisco Mime Troupe [...] (Slouching Towards Bethlehem, 124)

[...] Peter Berg usa um brinco de ouro e é, talvez, a única pessoa no Distrito em quem um brinco de ouro fica obscuramente sinistro. Ele pertence ao San Francisco Mime Troupe [12] [...] (Rastejando até Belém, 116)

[12] Grupo teatral que se apresenta nos parques de San Francisco, de graça, fazendo sátira política (e não mímica, embora o nome sugira isso).

Quando o livro foi lançado no Brasil, a editora Todavia, em seu canal no youtube, promoveu um encontro com a tradutora Maria Cecilia Brandi, a jornalista Cora Rónai e o editor André Conti (www.youtube.com/c/todavialivros/videos). Além de apresentar a obra de Joan Didion, destacando a importância da autora e a importância de termos sua obra traduzida para a língua portuguesa, esse encontro também foi importante para aproximar a tradutora dos leitores brasileiros.

Joan Didion, *Rastejando até Belém: Ensaios*. Trad. Maria Cecilia Brandi. São Paulo: Todavia, 2021. 240p.

Edilene Pereira Possibom, paulistana, apaixonada por livros e gatos, é formada em Letras - Português/Inglês (Unicsul, 1994), com pós-graduação em tradução (Gama Filho, 2012). Frequentadora assídua da Casa Guilherme de Almeida, participou do Programa Formativo para tradutores literários (2015) e do Programa de Aprimoramento em tradução literária (2020 e 2021).